CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO PORTUGUÊS
5 de Julho de 2023

VELHOS SÃO OS TRAPOS / 1979-1981

Um filme de Monique Rutler

Realização e Argumento: Monique Rutler / Direcção de Fotografia: Mário de Carvalho / Decoração: Fernando Filipe / Música: Bach, Handel, Haydn, Saint-Saens, e a canção *Les Vieux* (Jacques Brel) / Som: Carlos Pinto / Montagem: Monique Rutler / Interpretação: João Guedes (João), Luís Santos (Adriano), Luísa Neto (Lídia), António Beringela, Júlia Buisel, José Fonseca e Costa, Margarida Espírito Santo.

Produção: Filmform / Produtora: Monique Rutler / Cópia em 16mm, colorida, falada em português / Duração: 80 minutos / Ante-Estreia: 9º Festival da Figueira Foz, em Setembro de 1980 / Estreia: Quarteto, a 13 de Março de 1981.

Com a presença de *Monique Rutler*

Primeira longa-metragem para cinema realizada por Monique Rutler, **Velhos São os Trapos** aborda um tema socialmente delicado, poucas vezes explorado pelo cinema português - e por qualquer outro cinema, já agora. A chamada terceira idade, ou em linguagem menos burocrática, a velhice.

É uma proposta com uma estrutura curiosa, uma vez que se desdobra em três veios que correm paralelamente conciliando entre eles "ficção" (as duas histórias, a do par formado por Luís Santos e Lídia Neto e a história, mais infeliz, da personagem de João Guedes) e "documentário". Este, o documentário, que aliás dá o toque de saída para o filme, surge pela montagem de depoimentos de idosos, sozinhos (normalmente mulheres, nessa circunstância) ou em casal.

Algum arrojo da parte de Monique Rutler, portanto, já que não há assim tantos filmes que apostem num tipo de paralelismo como este, composto por uma dupla ficção e por um compartimento documental. No entanto, sem que nada negue a natureza documental das cenas de depoimento, lentamente o filme vai criando para elas um curioso efeito de integração narrativa, através de uma espécie de jogo de espelhos – como se ficção e documentário se fossem ecoando, respondendo uma coisa à outra, as cenas documentais transformadas em "coro" para a ficção, e as cenas de ficção em "coro" para o documentário. Em termos "estruturais", trata-se porventura da mais complexa aposta da realizadora para **Velhos São os Trapos**, e da que mais facilmente se pode dizer tratar-se de uma aposta ganha.

Independentemente do que acontece, em termos narrativos, nas duas histórias paralelas de ficção, de tonalidade e sentido opostos, onde se vê um esboço talvez demasiado evidente da vontade de retratar dois destinos contrários e ter "uma história feliz" ao lado

de “uma história infeliz” – mas que têm que ser entendidas assim, enquanto “esboços” ou “sinalizações” assentes numa dramaturgia esparsa; independentemente do que acontece, dizíamos, nas histórias de ficção, há pelo menos mais dois aspectos que vale a pena recortar em **Velhos São os Trapos**. Um, a relativa profundidade “sociológica” do inquérito resultante nas cenas de depoimento. Pelas roupas, pelo vocabulário, pelo cenário, percebe-se depressa a “transversalidade”, em termos sociais (e em termos de “classes”), da amostra escolhida para depor, e também aí, dentro da “bolha” documental do filme, se vão gerando alguns jogos de espelhos. Gerando, ao mesmo tempo, um “retrato português”, captado cinco anos depois do 25 de Abril de 74 (o filme estreou em 1981, mas a rodagem foi em 1979). E “retrato” porque já não é apenas uma questão de “velhice” ou da condição dos idosos, mas liminarmente uma questão de biografias, que trazem agarrada uma noção do país que Portugal foi.

Depois, e isso é uma coisa que também se vê muito bem em **Jogo de Mão** (o filme seguinte de Monique Rutler), **Velhos São os Trapos** preserva muito bem uma proximidade com a “Lisboa popular”. Há aquela velha ideia, que nuns casos é só “boutade” e noutros não, sobre a ficção como algo tendendo, com a passagem do tempo, a transformar-se em documentário. Nas imagens do filme, dos pequenos cafés do Bairro Alto aos passeios à beira-Tejo, muita da ficção que ele contém está hoje convertida em documento.

Luís Miguel Oliveira